



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 001

**A INFLAÇÃO DO ESPAÇO**

**Franz Josef Brüzke**

**Belém, Janeiro de 1992**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Nilson Pinto de Oliveira

### **Vice-reitor**

Camillo Martins Vianna

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Raul da Silva Navegantes

### **Diretor Adjunto**

Jean Hebette

## **Conselho editorial do NAEA**

Franz Josef Bruseke

Samuel Sá

Rosa Acevedo Marin

Francisco de Assis Costa

Tereza Ximenes Ponte

## **Sector de Editoração**

E-mail: [editora\\_naea@ufpa.br](mailto:editora_naea@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_naea@ufpa.br](mailto:Papers_naea@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 001

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# A INFLAÇÃO DO ESPAÇO

---

*Franz Josef Brüzeka*

## **Resumo:**

A noção de espaço sofreu grandes modificações com a ‘história das ideias’, pois, como sabemos, não tem uma história à parte da história real. Nesse processo, ela participou da transformação de muitas outras categorias: no princípio, conceitos ‘objetivos’ mudam-se em formas de percepção puramente ‘subjetiva’ da realidade externa. Isto aconteceu com a noção filosófica do ‘tempo’ desde Santo Agostinho e a do ‘espaço’ desde Descartes, Leibniz e Kant. ‘Espaço e tempo’ são conceitos que estruturam as nossas imaginações. A noção qualitativa do ‘espaço’ como a de Aristóteles e de todo o pensamento da antiguidade grega distingue-se de uma noção quantitativa dele.

**Palavras-chave:** Espaço. Tempo. Teoria do Conhecimento.

## A. A história do conceito

A noção de espaço sofreu com decorrer da 'história das ideias', e como nós sabemos, não tem uma história à parte da 'história real' grandes modificações. Nesse processo, ela participou da transformação de muitas outras categorias: no princípio, conceitos 'objetivos' mudam-se em formas de percepção puramente 'subjéctiva' da realidade externa. Isto aconteceu com a noção filosófica do 'tempo' desde Agostinho e a do 'espaço' desde Descartes, e Leibniz e respectivamente Kant<sup>1</sup>.

'Espaço e tempo' são conceitos que estruturam as nossas imaginações sobre 'espaço e tempo'. Uma noção qualitativa do 'espaço' como a de Aristóteles e de todo pensamento da antiguidade grega distingue-se de uma noção quantitativa dele. Existem na filosofia basicamente dois conceitos do 'espaço'; o 'espaço' significa ou uma determinação de sentido ou res extensa. O cósmico dos gregos contém para cada Ser o seu lugar 'adequado'. Entendido como receptáculo (Demokrit) este espaço' tinha que ser necessariamente fechado e finito. Assim ele foi imaginado como sequência de esferas sendo a última, a forma essencial, da qual se derivou a rotação circular como movimento primário e a linha reta. "Na geometria métrica de Euclides, o espaço é caracterizado como qualitativamente homogêneo, infinitamente divisível, isotrópico e ilimitado. Atribuem-se-lhe, além disso, as seguintes propriedades: tem três dimensões (por um ponto podem tirar-se três retas perpendiculares entre si), é homoloidal (duas retas paralelas podem prolongar-se indefinidamente sem nunca se encontrarem), é contínuo (nele se podem construir figuras semelhantes em qualquer escala)" (THINES, G. E LEMPEREUR, AGNÉS, s.a.: 334)<sup>2</sup>.

Para Aristóteles, o 'globo' era o centro fixo do 'espaço cósmico' cercado de várias esferas celestes. A esfera interior carregou a lua e as seguintes: o sol e os diferentes planetas. Na última esfera, encontraram-se as estrelas fixas limitando para os gregos o espaço' de forma definitiva. Fora dessa

---

<sup>1</sup> **Kant** escreve na crítica da razão "pura", o espaço é uma representação necessária a priori, que serve de fundamento a todas as percepções exteriores. Nunca se pode representar que o espaço não existe, embora se possa pensar que não haja objetos no espaço. O espaço é considerado como a condição de ocorrência de fenômenos, não como uma determinação dependente deles, e constitui uma representação a priori que serve de fundamento, de uma maneira necessária, aos fenômenos exteriores (Kant, Immanuel (1972) Critique de la raison pure. Alcan, Paris p.66. Edição alemã: Kant, Immanuel. In: Kant, Gesammelte Schriften, Königlich Preussische Akademie der Wissenschaft, Vol. 4, Berlin 1910). Na concepção do Kant predomina a tempo sobre o espaço: "O tempo 'é a condição formal, a priori, de todos os fenômenos externos. Ao contrário, como todas as representações, tenham ou não por objeto as coisas exteriores pertencem, em si mesmas, na qualidade de determinações do espírito, ao estado interno e como esse estado interno está sempre sujeito à condição formal da intuição interior e, por consequência, pertence ao tempo, este é uma condição a priori de todos os fenômenos" (Kant, 1972:75). Veja também: Geysler, J. (1915) Allgemeine Philosophie des Seins und der Natur, pp. 274-294. 340-349; Gent, W. (1926) Die Philosophie des Raumes und der Zeit; **Reichenbach** (1928) Philosophie der Raum-und Zeitlehre; **Hartmann, H.** (1950) Philosophie der Natur, pp. 68-135, 216250; **Gent, W.** (1926/1930) Die Raum-Zeit-Philosophie des 19. Jhdts, 2 vols; **Lehmen-Beck** (1920) Kosmologie, pp. 34-55.

<sup>2</sup> **Thines, G. e Lempereur, Agnés** (s.a.) Dictionaire Général des Sciences Humaines; Jean Pierre Delarge, Editeur. Trad.port.: livraria Martins Fontes, São Paulo.

última esfera existia nada, nem 'espaço vazio' pois uma das convicções básicas de Aristóteles era que o 'espaço' sem a matéria é inexistente. "o espaço mítico é (...) um espaço qualitativo, i.e., faz referência a valores. Portanto, neste contexto, toda a atribuição diferencial é uma atribuição de valor, o que implica, necessariamente, numa hierarquia. No interior desta, faz-se possível a harmonia do todo. A ética dos valores corresponde então uma estética do arranjo perfeito. Logo, antes de ser um acontecimento moral, a hierarquia é uma necessidade cósmica. O lugar das coisas é o lugar segundo o mérito' das coisas, e segundo as exigências funcionais do COSMOS. Isso implica na verticalidade do espaço e em sua perene descontinuidade. A ordenação emerge como um arranjo na descontinuidade, uma harmonia nas rupturas. A aparente ingenuidade da física aristotélica tem por base a força portentosa da qualitatividade do espaço, única garantia real do sentido das coisas" (LOUNDO, 1988:80, 81)<sup>3</sup>.

A filosofia de um 'espaço cósmico' qualitativo e limitado com a terra no centro dominou até o século XVI tanto a filosofia ocidental quanto à física. Foi Copernicus que revolucionou, em 1543, com a sua obra 'De Revolutionibus Orbium Coelestium'<sup>4</sup> esta visão do 'espaço'. Ele colocou o sol no centro do universo e deixou a terra circular ao redor dele. Mas ele ficou com a teoria das esferas cristalinas de Aristóteles e partiu também da convicção de que com a última esfera termina o 'espaço'. Apesar desse conservadorismo teórico, destruiu a heliocentrismo de Copernicus a unidade e harmonia da filosofia de Aristóteles e foi feito o primeiro grande passo na direção da astronomia e da física moderna. Porém, o processo da inovação e aceitação foi bastante lento. Só cinquenta anos depois, com Galilei e Kepler, apareceram as primeiras consequências teóricas da 'ruptura copernicana, alimentadas também pela impressão do 'espaço ilimitado' que os primeiros telescópios - apesar da sua simplicidade - provocaram. Descartes ficou no seu livro 'Principia Philosophia' em relação com a interpretação do espaço universal' ainda no nível das fantasias teóricas, mas já Isaac Newton<sup>5</sup> deu a contribuição decisiva. Newton introduziu o conceito da gravitação como causa comum da movimentação dos planetas e das leis de queda na terra. Todas as observações feitas deixaram-se explicar pela existência de uma força que se diminui com o quadrado da distância de dois corpos. A mecânica de Newton inclui um novo conceito de 'espaço'. Ele está sendo entendido a partir de agora como 'sistema referencial' dentro do qual os movimentos dos corpos podem ser descritos. Sistemas referenciais específicos são os "sistemas inerciais' dentro dos quais o primeiro axioma de Newton vale: Todo o corpo permanece imóvel ou no seu movimento linear se não está sendo exercida uma força externa

---

<sup>3</sup> **Loundo Rui Pedra** Dilip. (1988) Diferenciação de espaços. Espaço enquanto determinação de sentido e espaço enquanto 'res extensa'. In: Tecnologia e Gestão do Território (B.Becker, M.Miranda, Bartholo Jr., Egler, Claudio; Orgs.). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988, Editora UFRJ.

<sup>4</sup> **Copernicus (1543)**. De Revolutionibus Orbium Coelestium.

<sup>5</sup> **Newton, Isaac**. Philosophiae Naturalis Principia Mathematica.

nele<sup>6</sup>. Newton mostrou a existência de vários sistemas inerciais, chamado por ele espaços relativos'. Esses 'espaços relativos' existem dentro do 'espaço absoluto' que contém a médio éter (velha teoria aristotélica) preenchendo todo o 'espaço absoluto'. A procura do 'espaço absoluto' foi a partir daqui um interesse central da física. Depois de uma série de tentativas de vários físicos do século dezanove de provar a existência do espaço absoluto e do éter, levantou Albert Einstein, em 1905, a hipótese da inexistência do éter e conseqüentemente do 'espaço absoluto'<sup>7</sup>. Einstein mostrou em seguida, de forma convincente, a inexistência do movimento absoluto e do 'espaço absoluto' e formulou o princípio da relatividade: Todas as leis da natureza têm em todos os sistemas inerciais a mesma forma<sup>8</sup>. A clareza relativa que a física ganhou no percorrer das suas pesquisas em relação ao 'espaço', coroada pela desistência da tese do 'espaço absoluto', abriu o caminho para uma série de descobertas e desenvolvimentos técnicos que marcaram há nosso século. A filosofia e a teologia, uma vez excluídas do sucesso triunfal das ciências exatas, perderam a sua força hegemônica e transformaram-se em ciências humanas que estão até hoje perdendo 'espaço' para as ciências exatas<sup>9</sup>. Relevância limitada têm até hoje as tentativas de operacionalizar o conceito 'espaço' em outros contextos, como na última frase. A afirmação: Perder espaço para B, quer dizer que B ganha importância e A perde importância. O uso da palavra 'espaço' é, nesse contexto, meramente alegórico e pode ser substituído facilmente com outras noções. Mas, de qualquer forma, existe o uso do conceito 'espaço' fora das áreas restritas da física. Binswanger e a antropologia moderna falam do 'espaço vivido' ou 'espaço de vida'. Heidegger, refletindo sobre a espacialidade a. do manual intramundano, b. do ser-no-mundo e c. da presença, amplia a visão ontológica. "O espaço nem está no sujeito nem o mundo, está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo na medida em que o ser-no-mundo constitutivo da presença já descobriu sempre um espaço. O espaço não se encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo 'como se' estivesse num espaço. E o 'sujeito', entendido ontologicamente, sua presença é espacial em sentido originário. Porque a presença é, nesse sentido espacial, como o espaço se apresenta a priori"<sup>10</sup>. Para Habermas, o 'espaço' não é uma categoria central, mas a sua teoria do mundo vivenciado. Theorie der Lebenswelt lembra o uso antropológico do 'espaço' (HABERMAS, 1981)<sup>11</sup>. Porém, ele não radicaliza a sua interpretação do 'espaço' como Koch, que afirma: "O momento fundamental de todos os fenômenos espaciais são os fenômenos de movimentação do próprio corpo" (NIKOLAUS KOCH,

---

<sup>6</sup> *Newton, Isaac* (1963). *Mathematische Prinzipien der Naturlehre*. Hrsgg. v. J. Wolfers. Darmstadt.

<sup>7</sup> Veja os diversos trabalhos sobre a teoria de relatividade em Einstein: *Lorentz, Minkowsky* (1958). *Das Relativitätsprinzip*. Darmstadt.

<sup>8</sup> Veja *Einstein, Albert* (1922). *Grundzüge der Relativitätstheorie*. Braunschweig;

<sup>9</sup> O exemplo mais recente é a discussão sobre sistemas não-lineares. Discussão dominada pela física, biologia molecular, matemática estocástica e geometria fractal.

<sup>10</sup> *Heidegger, Martin* (1989) *Ser e Tempo*. Petrópolis. p.161.

<sup>11</sup> *Habermas, Jürgen* (1981) *Theorie des kommunikativen Handelns*. Vol. 2; S. 182 pp. Frankfurt a.M.

1981)<sup>12</sup>. O sociólogo Durkheim não parte do indivíduo, mas da sociedade para se aproximar de um entendimento do 'espaço'. Nas 'formas elementares da vida religiosa' ele escreve:

"An der Wurzel unserer Urteile steht eine bestimmte Anzahl von wesentlichen Begriffen, die unser ganzes intellektuelles Leben beherrschen; es sind die Begriffe, die die Philosophen seit Aristoteles, die Kategorien des Urteilsvermögens nennen. Zeit, Ort, Substanz, Quantität, Qualität, Relation, Tätigkeit, Leiden Verhalten, Befinden. Sie entsprechen den allgemeinsten Eigenschaften der Dinge. Sie sind feste Regeln, die den Gedanken einengen; der Gedanke kann sich nicht davon lösen, ohne sich selbst zu zerstören, denn es scheint nicht möglich zu sein, von Dingen anzunehmen, daß sie außerhalb von Zeit und Raum oder unzählbar seien. Die anderen Begriffe sind zufällig und schwankend: Wir können annehmen, daß sie einem Menschen, einer Gesellschaft, einer Epoche fehlen können, während uns jene fast untrennbar vom normalen Funktionieren des Geistes erscheinen. Sie sind das Gerüst der Intelligenz. Wenn man die primitiven religiösen Glaubensüberzeugungen analysiert, begegnet man zwanglos den dieser Kategorien. Sie sind in der Religion und der Religion entstanden, sie sind das Produkt des religiösen Gedankens. (Durkheim, 1981:27,28)<sup>13</sup>. Und weiter unten " ... der Rhythmus des sozialen Lebens liegt der Kategorie der Zeit zugrunde; der Raum, den die Gesellschaft einnimmt, hat den Stoff für die Kategorie des Raumes geliefert..." (DURKHEIM, 1981:588). Mais tarde vamos discutir o tipo de sociedade da qual deriva-se o conceito do espaço de Bertha Becker.

Pierre Bourdieu, mostrando continuidade na formação de paradigmas na sociologia francesa, propõe um conceito do espaço já mais diferenciado: "Num primeiro tempo, a sociologia apresenta-se como uma topologia social. Pode-se assim representar o mundo social em forma de um espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir ao detentor delas, força ou poder neste universo. Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço - mesmo que tal seja concebível. Na medida em que as propriedades tidas em consideração para se construir este espaço são propriedades atuantes, ele pode ser descrito também como campo de forças, quer dizer, como um conjunto de relações de força objetivas impostas a todos os que entrem nesse campo e irredutíveis às intenções dos agentes individuais ou mesmo às *interações* diretas entre os agentes (BOURDIEU, 1989:133)<sup>14</sup>. Ou, com outras palavras do mesmo autor: "O espaço social tende a funcionar como espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e, de grupos de estatuto caracterizados por diferentes estilos de vida" (BOURDIEU, 1990:160)<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Koch, Nikolaus. (1981) Negative Anthropologie - offene Anthropologie. Hamburg, Holsten Verlag.

<sup>13</sup> Durkheim, Emile. Die elementaren Formen des religiösen Lebens. Frankfurt. Original: Les formes élémentaires de la vie religieuse. Presses Universitaires de France, Paris, 1968.

<sup>14</sup> Bourdieu Pierre (1989). O poder simbólico. Difel/Bertrand. Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> Bourdieu Pierre (1990). Espaço social e poder simbólico. In: Coisas distintas; Ed. Brasiliense, São Paulo.

Foi François Perroux que introduziu o conceito 'espaço' na economia<sup>16</sup>. O 'espaço econômico' é, segundo Perroux, o total das relações calculadas existentes entre a empresa e os compradores de um lado, e os seus fornecedores do outro. Além disso, designa o 'espaço econômico' um campo de forças onde atuam os agentes econômicos, e por último emprega Perroux a conceito 'espaço econômico' para descrever um conjunto homogêneo baseado no mesmo sistema de preços. Isto pode ser uma economia nacional que forma nessa perspectiva um 'espaço monetário' (PERROUX, 1950).

Anthony Downs, Sartori e outros trabalham com o conceito de 'espaço' na área da política, empregando o termo 'espaço político'. Ele define-se basicamente assim: "Por espaço político se entende a área de conflito que constitui a base da relação entre eleitores e partidos, num dado sistema político e num certo momento histórico. (...) o espaço político identifica-se com o espaço da competição eleitoral nos regimes democráticos de massa." (BOBBIO, NORBERT et.al. 1991:392)<sup>17</sup>. Nessa perspectiva, as noções 'esquerda' e 'direita' ganham significado específico, pois formam o eixo ideológico da competição espacial' dos partidos políticos pelo voto do eleitor.

Boudeville (1961,1966), Rodwin (1961), Alonso (1968) e Friedman (1966) introduziram o conceito "espaço' nas discussões sobre planejamento nos países 'em desenvolvimento', seguindo uma proposta de F. Perroux (1955) em um trabalho sobre os Pólos do Desenvolvimento<sup>18</sup>. Milton Santos (1979) na sua análise dos dois circuitos urbanos nos países 'subdesenvolvidos' parte da seguinte definição do 'espaço': "Os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativa e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão. Daí vêm as diferenças entre espaços. Os espaços dos países subdesenvolvidos caracterizam-se primeiramente pelo fato de se organizarem e se reorganizarem em função de interesses distantes e mais frequentes em escala mundial. Mas não são atingidos de um modo maciço pelas forças de transformação, cujo impacto, ao contrário, é muito localizado e encontra uma inércia considerável à sua difusão (SANTOS E KAYSER, 1971). Por outro lado, forças da modernização impostas do interior ou do exterior são extremamente seletivas, em suas formas e em seus efeitos.

---

<sup>16</sup> Perroux, François (1950). Os espaços econômicos. In: *Economie Appliquée*, 1950, v.3, N°. 1.

<sup>17</sup> **Bobbio, Norberto** et al. (1991) *Dicionário de Política*, Editora Universidade de Brasília, Brasília; refere-se ao **A. Downs** (1957) *An economic theory of democracy*, New York. **Sartori, G.** (1976) *parties and Party Systems - A Framework for Analysis*, Cambridge. **Laponce J.A.** (1972) *The Use of Visual Space to Measure Ideology*, In: Laponce e P.Smoker (eds.), *Experimentation and Simulation in Political Science*, Toronto.

<sup>18</sup> Veja **Perroux, François.** (1955) *Note sur la notion de pôle de croissance*. *Economie appliquée*, VII. N° 1-2. Paris. **Boudeville, Jacques** (1961) *les espaces économiques*, PUF, Paris **Boudeville, Jacques.** (1966) *Problems of Regional Economic Planning*. Edinburgh University Press **Rodwin, Lloyd** (1961) *Metropolitan policy for developing areas*. In: Walter Isard e John H.Cumberland. *Regional Economic Planning*. OEEC, Paris **Alonso, William.** (1968) *Urban and regional imbalances*. *Economic Development*, EDCC, XVII, n° 1, 1968, pp.1-14 **Friedmann, John.** (1966) *Regional Development Policy. A Case Study of Venezuela*. MIT Press.

As variáveis modernas não são acolhidas todas ao mesmo tempo nem têm a mesma direção. Trata-se de uma história espacial seletiva. A cada modernização novos pontos ou novas zonas são conquistados ao espaço neutro e torna-se uma nova porção de espaço operacional. Mas o impacto dessas forças não é o mesmo para as diversas variáveis, cuja combinação dá a característica do lugar. Disso resulta uma grande instabilidade na organização do espaço com repetidos desequilíbrios e ajustamentos. Descontínuo, instável, o espaço dos países subdesenvolvidos é igualmente multipolarizado, ou seja, é submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações oriundas de diferentes níveis de decisão. Quanto menor a escala do lugar, mais numerosos são os impactos, o que dá uma decomposição do tempo à escala local... (Santos 1979:15). Uma reflexão sobre o 'espaço' geográfico exige uma reflexão sobre a geopolítica e sua influência em certos vieses na geografia brasileira.

## B. O espaço da geopolítica

A construção 'geopolítica' como ciência apóia-se nos escritos de autores como Rudolf Kjellen e Karl Haushofer<sup>19</sup>. Kjellen (1864-1922) era *spiritus rector* do partido ultraconservador alemão *Vaterlandspartei* (fundado durante a primeira Guerra mundial em 1916), que sonhou com uma 'Grande Alemanha', e justificou com os pensamentos de Kjellen e outros seus objetivos belicistas. Haushofer (1869-1946), fundador do 'Instituto de Geopolítica' de Munich e da 'Revista de Geopolítica' teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Adolf Hitler, cujo livro 'Mein Kampf' baseia-se parcialmente (em especial o capítulo dezanove) no ideário geopolítico de Haushofer. Uma das doutrinas centrais do nacional-socialismo e, na prática, com consequências bastante desastrosas - foi a do 'povo sem espaço' (*Volk ohne Raum*). Os nacionais socialistas partiram da hipótese que o povo alemão precisaria de um 'espaço vital' maior, preparando assim o expansionismo político militar que

---

<sup>19</sup> Outros trabalhos importantes sobre a geopolítica: **Haushofer, Karl (1927)** *Grenzen in Ihrer Geographischen und Politischen Bedeutung*. Berlin. Grünwald Wowninkel.

**Dorpalen, Andreas (1942)**. *The World of General Haushofer. Geopolitics in Action*. Port Washington (NY), Kennikat Press **Kristof, Ladis K. (1960)**. *The Origins and Evolution of Geopolitics*. In: *The Journal of Conflict Resolution*, Vol.4, 1960; **Gyorgy, Andrew (1944)**. *Geopolitics - The New German Science*. University of California Publications in International Relations. Vol.3, N° 3, 1944. Como a geopolítica desenvolve-se como uma especificação da geografia política veja também: **Ratzel, Friedrich (1897)** *Politische Geographie*. München und Leipzig. R. Oldenburg **Vallaux, Camille (1911)** *Le Sol et l'Etat*. Paris. Doin **Mau11, Otto (1925)** *Politische Geographie*. Berlin.

Trabalhos mais recentes da geografia-política: **Sanguin, André-Louis (1976)** *Géographie Politique: Bibliographie Internationale*. Les Presses de l'Université du Québec. **Sanguin, André-Louis (1975)**. *L'Evolution et le Renouveau de la Géographie Politique*. *Annales de Géographie*. Vol.84, 1975, p.275-296. Cohen, Saul B./ Rosenthal, Lewis, D. (1971). *A Geographical Model for Political System Analysis*. In: *Geographical Review*, Vol. 61, 1,971, p. 5-31. Boesler, K.A. (1974) *Verhandlungen zum Konzept der politischen Geographie*. in: *Die Erde*, Vol: 105, 1974, p.7-33 Ha11, Reter (1974). *The New Political Geography*. In: *Institute of British Geographers, Transactions*, Vol.63, 1974, p.48-52.

levou diretamente à catástrofe da Segunda guerra mundial. Adolf Hitler escreve: "A política externa do Estado nacional tem que garantir a existência da raça reunida pelo Estado neste planeta, produzindo um equilíbrio saudável e natural entre o número e o crescimento do povo por um lado e da extensão e qualidade do solo por outro. (...) Somente um espaço suficientemente grande nessa terra garante ao povo a liberdade (...)"<sup>20</sup>.

O pensamento geopolítico acabou na Alemanha junto com o sonho de conseguir 'o espaço vital no leste' em 1945. Para ser mais preciso, ele já acabou em janeiro de 1943 na grande derrota do 6º Exército alemão em Stalingrad. Na fase pós-guerra, encontra-se nas universidades alemãs pouca vontade de reativar a pseudociência geopolítica, 'falsificada' de forma tão convincente pelos fatos históricos. E também as estratégias dos aliados ocidentais preocuparam-se com outras coisas. Uma das quais mais importantes era a problema do 'containment': como evitar a expansão mundial do comunismo que mostrou, em 1949, na China, e depois em vários países africanos e asiáticos a sua capacidade de limitar a zona de influência da nova potência mundial, os Estados Unidos da América. Na frente ideológica, dominou, por um lado, o 'discurso de liberdade ocidental' e, por outro, o 'discurso antiimperialista'. Dois discursos então que ofereceram poucas chances para urna renovação do pensamento geopolítico. Somente, e isso beira na curiosidade, em certos círculos militares na América Latina conservou-se a lembrança de velhos textos do Kjellen, Haushofer e outros e sobreviveu à identificação com a ideia do Estado nacional, numa forma que contrastou com o desenvolvimento do pensamento político contemporâneo na Europa e nos Estados Unidos da América. Parece que a importância da 'geopolítica' cresce com a falta de oportunidade de provar as suas hipóteses belicistas. A menor derrota militar, como a da Argentina, no conflito das Malvinas (Falklands) não deixa somente cair às hipóteses geopolíticas, mas às vezes, também aos governos, buscando o 'espaço vital' com meios militares.

No Chile, o general Pinochet, mais conhecido por causa das suas atividades políticas a partir de 1974, foi (e é ainda) um dos teóricos da geopolítica na tradição da escola de Munich. Para ele, o Estado é um 'organismo vivo' lutando com outros Estados pela sobrevivência. O 'espaço' como campo de batalha ganha, nessa visão, urna extrema importância. Pinochet diz mesmo:

"La Geopolítica considera al Estado como un organismo supraindividual<sup>21</sup> y, como tal, es un organismo vivo que se halla empeñado en una lucha constante por la

---

<sup>20</sup> Hitler Adolf. Mein Kampf, Vol.2, Cap. 14. Apud: Tenbrock, R.H. et.al. (1970) *Zeiten und Menschen*, P.357. O texto no original alemão: "Die Außenpolitik des völkischen Staates hat die Existenz der durch den Staat zusammengefaßten Rasse auf diesem Planeten sicherzustellen, indem sie zwischen der Zahl und dem Wachstum des Volkes einerseits und der Größe und Güte des Grund und Bodens andererseits ein gesunde, natürliches Verhältnis schafft. ( ... ) Nur ein genügend großer Raum auf dieser Erde sichert einem Volke die Freiheit des Daseins. ( ... )".

<sup>21</sup> **Christian G. Caubet** sobre o conceito do estado da geopolítica: "O amálgama entre um suporte geográfico (território), um elemento humano (população), um conceito jurídico (Estado) e uma estrutura política (governo) gera uma entidade *sui generis* dotada de capacidade de atuação autônoma em relação aos seus

existência. La tierra, por su configuración natural, está dividida en coberto número de espacios que son el escenario de estas luchas entre los Estados. Este hecho condiciona una política encadenada al espacio, con leyes determinadas y constantes que afectan, en forma permanente, a los pueblos que actúan en una región, a medida que van haciendo su aparición en la Historia. 'Según Kjellen<sup>22</sup>, hay grandes espacios continentales y oceánicos de carácter dominante y 'espacios intermedios' o 'paisajes de, distensión)' en los que se entrecrocán los esfuerzos opuestos de los cuadros espaciales mayores. El conflicto entre pueblos convierte los espacios en 'campos de fuerza entrecruzados **por** 'líneas de fuerza'. Uno de los objetivos, de la geopolítica es la de proporcionar a antecedentes sobre la posible aplicación y utilización de estas leyes espaciales en la política exterior del Estado y en el período de desarrollo. La eterna actitud beligerante de los pueblos entre sí obliga a que la política exterior del Estado prime sobre la interna. Las ideologías políticas y los sistemas de gobierno da solidez y ayudan a obtener en forma más eficaz aquellos objetivos de carácter nacional dentro de las condiciones geográficas donde se asienta el Estado. No podemos considerar a la Geopolítica como una rama de las ciencias geográficas (...)' (Pinochet, 1978:21)<sup>23</sup>.

À última tese, a da geopolítica como um ramo da geografia, encontra até hoje seus interlocutores. Especialmente o conceito do espaço forma para alguns geógrafos, a ponte sobre a qual a geopolítica tão comprometida mantém a chance de divulgar sua visão distorcida das relações entre os Estados. Os rudimentos de uma teoria crítica do imperialismo e a teoria 'espacial' da geopolítica formaram o amálgama que serve como base de uma geografia que confunde dialética com falta de clareza conceitual.

Foi Golbery do Couto e Silva que divulgou no Brasil o ideário geopolítico e a sua interpretação específica da 'rés extensa'. Obra fundamental para o desenvolvimento da ideologia 'geopolítica' no Brasil é sua obra 'Geopolítica do Brasil'<sup>24</sup>. O pensamento geopolítico transformou-se na sua influência na doutrina oficial da Escola Superior de Guerra depois do golpe militar em 1964. Aí se formavam os quadros tecnocráticos de origem militar e civil que serviriam, de um lado, como base

---

componentes. Isso configura uma manipulação ideológica e não um raciocínio científico. Com efeito, o resultado dessa afirmação de vitalidade própria do Estado é o de negar certas realidades em benefício dos detentores - legítimos ou não - do poder político. Além de sua precariedade explicativa, a metáfora ignora o jogo complexo das forças reais que se manifestam dentro de cada Estado. Ela tem por efeito, ou por finalidade implícita, apagar todos os processos econômicos, políticos e sociais, para subordiná-los às decisões de uma entidade hipostasiada, supostamente dotada de uma vontade própria inquestionável: o Estado. Este aparece como um ente original e com faculdades que só podem caracterizar a vitalidade e os comportamentos dos seres vivos." (Caubet, Por uma (nova?) epistemologia, geopolítica. In.- Política e Estratégia, São Paulo. **Vol.II, Nº 4, Out./Dez. 1984.** p.628-647; aqui p. 630).

<sup>22</sup> Kjellen, Rudolf. (1916) *Staten Som Lifsform*. Estocolmo.

<sup>23</sup> A geopolítica transformou-se: Há deixado de ser sólo una ciência agressiva entre los Estados para convertirse en una sana consejera del conductor, a quien, científicamente, le señala los fines del Estado y cuál sería la forma como podría alcanzarlos en el futuro, para brindar con ello, paz, dicha y bienestar a su pueblo." (Pinochet, 1978-24) "La estrategia, en íntima relación con la geopolítica, establece la forma cómo deben actuar los diferentes poderes del Estado no sólo con la fuerza de las armas, sino con medios económicos, políticos, diplomáticos, etc." (Pinochet, 1978:32).

<sup>24</sup> Veja Do Couto e Silva, Golbery. (1967) *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympo Editora.

logística no jogo de poder e por outro lado como liderança no processo de modernização do Brasil, interpretado de forma específica pelos militares.

A ideologia geopolítica que encontrou adeptos em todos os regimes militares da América Latina tinha como conceito chave a 'doutrina da segurança nacional'<sup>25</sup>. Esse conceito embora sendo uma construção ideológica militar, tinha uma certa facilidade de ser integrada a ideologia do nacional-desenvolvimentismo', teoria desenvolvida com o apoio decisivo da CEPAL que orientou desde o final dos anos quarenta a industrialização tardia no Brasil e em outros países da América Latina. Os militares mesmo não tinham dificuldades de se autodefinir como um fator modernizante defendendo por um lado o progresso da industrialização e do outro lado o 'espaço' nacional. Na prática, a doutrina da "segurança nacional" tinha mais um efeito interno e serviu para legitimar a brutal repressão da oposição 'nacional' contra o regime. E a modernização industrial tinha um efeito que contrariou todo o discurso nacionalista, pois 'internacionalizou' uma parcela importante do parque industrial brasileiro e abriu ainda mais o mercado interno para os produtos e capitais gerados no exterior. Isso não surpreende, pois a sociedade industrial moderna foge dos limites do 'espaço nacional' e já implantou no século XIX a, base de um sistema socioeconômico expansivo que não cabe nem no 'espaço nacional' e nem na cabeça dos nacionalistas. O ideário geopolítico serviu para todos os adversários na América Latina. Tanto Argentina e Chile, quanto Brasil - para mencionar só os estados nacionais com uma forte retórica expansionista - cultivaram uma argumentação em defesa do 'espaço' supostamente nacional ou para justificar a ocupação do 'espaço vazio' (terras indígenas) dentro das fronteiras do estado 'nacional' ou para assustar o país vizinho com uma atitude belicista. Pedro Fernando Castro Martinez observa:

Hacia 1883 (al final de la segunda guerra de Pacífico), el prestigio regional en América del Sur se compartía entre Argentina, Brasil y Chile, las llamadas potencias del ABC. La expansión y consolidación del territorio brasileño fueron algunas de las preocupaciones principales de la política exterior del Brasil en esa época. La orientación más importante de la diplomacia del Imperio (1829-1,889) y de la Vieja República (1889-1930) fue la frontera. Los expansionistas bandeirantes (pioneros) empezaron a invadir más allá de la demarcación de la línea de Tordesillas mucho antes de que Brasil se independizara de Portugal, en parte porque ninguno de los vecinos sudamericanos del Brasil era lo suficientemente fuerte para ocupar el corazón del cono sur. Parece claro que los primeros gobernantes portugueses y fueron geopolíticos instintivos como lo fueron los fundadores de los Estados Unidos. Los administradores coloniales, los gobernantes imperiales y aun los patriarcas de la Vieja República creyeron en una suerte de "destino manifiesto" a ser realizado por el Brasil. Una mirada a los mapas del Brasil en las diferentes épocas nos permite advertir algo así como un plan que ha seguido el crecimiento lusitano-brasileño en América. Primero ocupan las capitanías de la costa, dentro de la línea de Tordesillas, pero apenas se vence el obstáculo de las serranías, las banderías desbordan

---

<sup>25</sup> "( ... ) ai pensamento geopolítico, tiene como preocupaciones principales los problemas básicos que interesan al desarrollo de la política exterior y su coordinación con las necesidades de la seguridad interna. Dicha doctrina conceptualiza a la nación como fenómeno social que tiene como elementos fundamentales al hombre, la tierra y las instituciones." (Castro Martinez, Fronteras abiertas: Expansionismo y Geopolítica en el Brasil contemporáneo. Mexico 1980:109).

completamente la línea fronteriza llegando a internarse en las nacientes del Amazonas y del Orínoco, en busca de esclavos, de caucho y de yacimientos auríferos, de amatíferos y de esmeraldas. En el avance periférico se penetra en los territorios de la América hispana. Una vez que se logra en cierta medida el control del Amazonas, se pretende el del Río de la Plata, primero con la Colonia del Sacramento, después con la Cisplatina, pero sin resultados duraderos" (CASTRO MARTINEZ, 1980:33,34)<sup>26</sup>.

### C. O espaço geográfico

A superfície da terra é o objeto de estudo da geografia *par excellence*. Emancipando-se da mera cartografia ela desenvolve-se cada vez mais na direção de uma ciência do espaço terrestre. Nos anos sessenta dominava a Geografia Quantitativa (escola de Chicago) com representantes como Cole e Brian Berry; já nos anos setenta surgiu a 'New Geography' ('Nova Geografia') representada por John Friedmann<sup>27</sup> e outros. Também nos anos setenta surgiu como resposta teórica a 'geografia dialética' na França e divulgada pela revista *Herodote* com Yves Lacoste e nos USA pela revista *Antipode* com David Harvey. A geografia dialética manifestou-se no Brasil a primeira vez na Assembleia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros em Fortaleza em 1978.

Bertha Becker, nos últimos anos uma das representantes mais conhecidas da 'geografia dialética' no Brasil, está sendo frequentemente citada nos trabalhos que tratam a questão da 'fronteira amazônica' e abordagens semelhantes. Alguns conceitos que ela emprega aparecem em dezenas de trabalhos acadêmicos, entre eles o conceito do 'espaço' que está sofrendo uma verdadeira inflação e está sendo usado na explicação dos mais diversos problemas. No seguinte então uma leitura crítica da Bertha Becker que começa com a pergunta: o que é o espaço?

Na introdução do livro 'Geopolítica da Amazônia' escreve a autora: "(Hoje, entendo que o espaço é produto e produtor de relações sociais e, portanto, da ação política - e que o poder é divisível...)" (BECKER, 1992:11). Resumindo: a) as relações sociais produzem o espaço; b) o espaço produz as relações sociais. Até agora ainda é difícil de entender. O que é o espaço? Significante o 'estilo dialético', que expressa por enquanto nada mais do que uma tautologia. Mais tarde a autora usa uma outra formulação. Agradecendo os seus colegas de trabalho formula Becker: "Gratidão aos colegas (...) companheiras nas pesquisas para reconhecimento físico e construção mental do espaço brasileiro..." (BECKER, 1982:11). Então parece que o espaço pode ser também. c) submetido a um

---

<sup>26</sup> Veja sobre a relação entre os militares brasileiros e a geopolítica também: Pedro Fernando Castro Martinez (1980). *Fronteras abiertas: Expansionismo y Geopolítica en el Brasil contemporáneo*. México. Gonçalves, Raúl Botelho (1960). *Proceso del imperialismo del Brasil (de Tordesillas a Roboré)*. La Paz, Bolivia, pp.107-108.

<sup>27</sup> **Friedmann, John** (1965) *Regional Development Policy: A Case Study of Venezuela*. MIT.  
**Friedmann, John** (1971). *The Implementation of Urban-Regional Development Policies: Lessons of Experience*. Univ. da Califórnia, Los Angeles.  
**Friedmann, John** (1976) *Planejamento desenvolvimentista regional. O Progresso de uma década*. In: *Cadernos NAEA*, N<sup>o</sup>, Belém 1976, p.9-37.

reconhecimento físico d) construído de forma mental. e) dividido em 'subespaços nacionais' e finalmente entende a autora o 'espaço' como. f) "como um sistema de regiões interdependentes". (BECKER, 1982:15).

Orlando Valverde faz a tentativa de identificar a posição epistemológica da 'Geopolítica da Amazônia'<sup>28</sup> e escreve: "Este é um livro polemico. Isto por diversas razões: a complexidade dos problemas regionais; o conhecimento ainda limitado que possuímos sobre a Amazônia; as diferentes interpretações e propostas de soluções para os seus problemas. Mas a razão principal se encontra na evolução do próprio pensamento da autora. Realmente, a orientação metodológica, por ela seguida, mudou do começo para o fim da obra. Este fato não depõe, a meu ver, contra ela, visto que entre a elaboração dos primeiros capítulos e a dos finais decorreu um espaço de tempo não inferior a dez anos." (VALVERDE, 1992:5)<sup>29</sup>. Valverde anota a influência da geografia quantitativa no início do livro, mas afirma: "Embora Becker tenha citado Berry e seus seguidores com frequência, nos capítulos iniciais deste livro, não seria justo incluí-la entre seus mais fiéis adeptos." (VALVERDE, 1982:5). A escola da 'New Geography' dos anos setenta influenciou Becker, mas Valverde relativiza: "Tampouco se pode considerar a geógrafa Becker como um exemplo perfeito de seguidora de Friedmann." (VALVERDE, 1982:7). Mas finalmente ele identificou a base epistemológica da Bertha Becker: "Da metade para o fim do livro, nota-se a influência da nova escola da 'Geografia dialética'" (VALVERDE, 1982:7).

As preocupações de Bertha Becker com a Amazônia partem de uma visão 'espacial' do problema: "Mais da metade do território nacional não se encontra ainda economicamente incorporado ao sistema espacial. Em virtude do alto valor de seus recursos naturais e do seu despovoamento, é mais capaz de absorver inovações e atrair efeitos de difusão do que de perder recursos sob efeitos de drenagem. Constitui-se, assim, como uma região de novas oportunidades." (BECKER, 1982:25)<sup>30</sup>. Ainda em 1.982 Bertha Becker propaga a ocupação da Amazônia para aliviar as tensões econômicas, sociais e política--, (!) do Nordeste. "Duas regiões emergem como regiões-problema, embora por motivos opostos: a periferia deprimida e a periferia não-integrada. É maior a gravidade do caso do Nordeste. Devido a sua alta pressão demográfica, exige atendimento dos problemas de sua estrutura econômica, a fim de aliviar a tensão econômica, social e política. Na Amazônia, o problema é oposto: a fraqueza do povoamento exige ocupação urgente" (BECKER, 1982-27). Becker vincula a estratégia

---

<sup>28</sup> **Becker, Bertha** (1982) Geopolítica da Amazônia - A nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

<sup>29</sup> **Valverde, Orlando**. Prefácio ('Geopolítica da Amazônia', Bertha Becker (1992), Rio de Janeiro, Zahar Editores).

<sup>30</sup> Essa parte do livro (Becker, 1982) já foi apresentada em 1972, no I Simpósio de Geógrafos, Presidente Prudente, e no II Simpósio da Comissão sobre aspectos regionais do Desenvolvimento, UGI (União Geográfica Internacional), Canadá, 1972.

da ocupação da Amazônia com uma política baseada na doutrina da 'segurança nacional'. Ela quer tanto impedir o surgimento de 'focus revolucionários' quanto criar um escudo humano contra uma suposta invasão dos países vizinhos no 'espaço vazio' da Amazônia. Num trabalho publicado a primeira vez em 1974, e reeditado em 1982, escreve Becker: As implicações geopolíticas de ordem externa não são menos importantes. O grande vazio demográfico e a posição setentrional, extrínseca ao sistema espacial nacional tornam a região extremamente vulnerável a interesses estranhos. A possibilidade de organização de focus revolucionários é uma primeira preocupação. O problema da segurança nacional se coloca também em relação ao dinamismo interno dos países vizinhos com os quais o Brasil tem contato por meio de 11 mil km de fronteira. As fronteiras, faixas de transição e contato com países vizinhos, são forças, centrífugas dentro de um Estado que tem a contínua preocupação de integrá-las. Fronteiras mortas até o momento, pois que despovoadas de ambos os lados, as fronteiras amazônicas adquirem significado maior no momento em que também os países vizinhos elaboram seus sistemas espaciais. Ainda que com menor intensidade, países mais avançados no processo de industrialização, como Venezuela, Colômbia e Peru, têm também seus centros dinâmicos, suas periferias deprimidas e seus excedentes demográficos, que se dirigem para suas respectivas Amazônias em movimentos espontâneos ou dirigidos. Por sua menor dimensão, esses países têm uma vantagem em relação ao Brasil, pois seus 'centros' vitais estão mais próximos das respectivas fronteiras. Na Venezuela, constrói-se o imenso complexo industrial de Guyana e estende-se rodovia em direção às fronteiras, com forte influência sobre Boa Vista, que é, em grande parte, suprida por essa estrada. No Peru, a presença de Iquitos, centro regional importante, com mais de 150 mil habitantes, as refinarias aí instaladas, os projetos agropecuários em andamento na Amazônia peruana e a proximidade de Pucallpa constituem motivo de preocupação quanto à possível influência sobre a população brasileira de fronteira. Surge daí, a necessidade de assegurar a vivificação e a integração das regiões fronteiriças" (BECKER, 1982:63,64).

No contexto dessa argumentação, mostra-se Becker como excelente aluna e seguidora da escola geopolítica. Acrescentamos que a autora respondeu entre 1966 até 1976 pela Cadeira de Geografia Política do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, enfim na plena ditadura militar. O que ela apresenta numa linguagem pseudocientífica é na verdade a ideologia militar da época, que como nós sabemos, apoiou-se no pensamento geopolítico para justificar a sua atitude belicista e seu projeto da colonização interna. A ligação com a ideologia militar da época está sendo formulada explicitamente. "O traçado transversal da Transamazônica tem ainda profundas implicações geopolíticas. Ele expressa uma ação no sentido da segurança nacional, e da integração continental. O problema da segurança nacional não se coloca apenas quanto à presença de um espaço desocupado, suscetível à ação de interesses estranhos à nação e ao continente sul-americano; ele se refere ainda ao dinamismo interno da organização econômica e social dos países sul-americanos." (BECKER,

1982:30) Becker refere-se à Venezuela, Colômbia e Peru como concorrentes na ocupação da Amazônia e arrisca um olhar interessado além das fronteiras: "... uma vez que a política de integração nacional não vem solucionando o problema da escassez do mercado interno, recorre-se à política de integração continental, incentivando-se de início as exportações de manufaturados, e hoje igualmente a exportação de minerais e de produtos agrícolas. "A Transamazônica, mediante suas ligações com o Acre, permitirá alcançar a Bolívia e a Carretera Marginal de La Selva, no Peru, assegurando a presença do Brasil no âmago do continente, e quiçá no Pacífico" (BECKER, 1982:30). Eis aí uma velha tese geopolítica de Golbery que dá continuação ao ainda mais velho sonho dos bandeirantes paulistas. Paulo Schilling comenta: "A incapacidade lusitana em ocupar e povoar o hinterland brasileiro deu margem a um fenômeno geopolítico interessante, talvez até mesmo inédito na história. Quem expandiu em profundidade a império português na América, quem efetivamente conquistou e incorporou à coroa lusa um território de vários milhões de quilômetros quadrados, não foram os conquistadores europeus. Foram seus descendentes nascidos no Brasil - mestiços ou puros - porém já autenticamente brasileiros: os bandeirantes. Foram os povoadores de São Paulo os que conquistaram o interior e levaram as fronteiras portuguesas muito mais além da linha estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas" (SCHILLING, 1981:19)<sup>31</sup>. Becker reclama conseqüentemente a liderança numa ação desenvolvimentista na Pan-Amazônia. "Por sua posição no âmbito do grande vale, pois constitui 63,4% da Amazônia total, e por seu dinamismo econômica, caberia à Amazônia brasileira, além do comando do rio, a iniciativa da ação desenvolvimentista amazônica global num Programa de Desenvolvimento Integrado Pan-Amazônico." (BECKER, 1982:64).

Bertha Becker mesmo confirma o fracasso do projeto da integração nacional: "Resulta, assim, que a integração espacial do território não vem, até o momento, promovendo o desenvolvimento intenso de novos recursos e o deslocamento do campo gravitacional de desenvolvimento do país das regiões costeiras para a fronteira, como era o esperado. E, embora cresçam certos atributos do sistema e novos fluxos se organizem, a relação fundamental de dependência em relação ao 'centro' não se modifica - pelo contrário, se reforça" (BECKER, 1982:86). As causas da desintegração podem somente ser detectadas se outros instrumentários analíticos - visivelmente não a disposição de Bertha Becker - estão sendo usadas. o processo da valorização econômica da Amazônia (ALTVATER, 1987) segue finalmente as necessidades da acumulação do capital; só dentro de certos limites a política tem a força de modificar e manipular o processo de acumulação. A análise de Becker dos processos econômicos na 'fronteira' se fixa na ação governamental, e negligencia a dinâmica própria da economia. Desta maneira, ela fica necessariamente no nível da descrição de fenômenos econômicos e surpreende-se quando o desenvolvimento toma um outro rumo do que 'como era esperado'. Os

---

<sup>31</sup> Schilling, Paulo R. (1981). **O Expansionismo Brasileiro** A Geopolítica do general Galbery e a Diplomacia do Itamaraty. São Paulo. Primeira Ed.: Buenos Aires, 1978, espanhol.

Conselhos econômicos da geopolítica seguem o primado da política e especificamente às necessidades e paixões militares e levam por isso mais cedo ou mais tarde para o fracasso econômico. A ocupação do 'espaço' e a valorização do 'espaço' são duas coisas bem distintas. Trata-se de uma expansão geográfica de relações de poder e de uma funcionalização real de elementos potencialmente produtivos para o processo de produção capitalista. Elementos (força de trabalho, meios de produção, matéria prima ou outros 'objetos') até aí ainda não integrados no processo da valorização. A análise dos processos econômicos, que incorporam também estratégias políticas, pode esclarecer porque, depois de um certo tempo, certos 'fluxos' politicamente incentivados continuam e outros param ou invertem até a direção administrativamente entendida. Bertha Becker está longe de um entendimento da dinâmica interna da região, porque ela parte das projeções políticas do 'centro vital'; melhor dizendo, ela parte dos interesses de certos grupos no centro-sul do Brasil.

A concepção de Bertha Becker então parece muito haver com a noção do espaço dos luso-brasileiros cujo expansionismo confundiu espaço e poder. Os economistas neoclássicos sabem que o espaço significa primeiramente custos causados pela distância a ser vencida. O poder econômico surge da alocação inteligente dos fatores produtivos; a economia do espaço faz parte dessa sistematização inteligente e se expressa na aglomeração da produção industrial e não na sua dispersão no espaço. A miniaturização dos produtos economiza espaço e energia, possibilitando assim o transporte sobre vastas distâncias. O surgimento dos tigres asiáticos não seria pensável sem o desenvolvimento tecnológico que admitiu uma economia do espaço e tempo longe das aglomerações industriais tradicionais, que se formaram no século dezanove na base do 'complexo de aço e carvão'.

Quem sonha ainda hoje com a posse do espaço ilimitado são os que confundem por sua vez a produtividade agrícola com o título de propriedade sobre a quantidade máxima de hectares, e os adeptos de estratégias militares ultrapassadas que ainda não integraram a mobilidade no espaço aéreo nas suas fantasias belicistas. A Calha Norte lembra mais das estratégias fracassadas do estado geral alemão e francês na primeira guerra mundial do que de integrar as experiências da guerra do Vietnã e da guerra do Golfo em 1991. O espaço não é poder,<sup>32</sup> mas o lugar ideal para dispersar a força militar e econômica. Assim, desestruturou-se o exército alemão no espaço da Europa oriental, virando objeto do jogo dos generais russos com a distância cada vez maior que tinha que ser superada pela máquina bélica alemã. O 'general inverno' com o passar do tempo tão temido pelo exército alemão interferiu a favor dos soviéticos. Com outras palavras: o espaço crescente sob domínio dos alemães exigiu um poder militar sobre o qual a Alemanha não dispunha. O fim dessa história é conhecido. A desestruturação recente da antiga União Soviética deixou de novo claro: não existe uma relação

---

<sup>32</sup> "Espaço é poder" (**Bertha Becker**. Questões sobre Tecnologia e Gestão do Território Nacional. In: B. Becker et al. (1988) Tecnologia e Gestão do Território. Rio de Janeiro, p.183. Essa definição vem **originalmente do Ratzel, F.** (s.a.) Politische Geografie. München.

determinística entre a posse do espaço e o poder militar ou econômico. Espaço não é poder, mas o poder existe como todas as coisas no espaço - uma banalidade.

#### **D. A banalização do espaço**

Na medida em que um estudioso penetra no uso do conceito 'espaço' nas diversas disciplinas científicas cresce um sentimento ambíguo: por um lado desdobra-se perante o olho analítico a totalidade do mundo que nos cerca e aumenta-se a sensibilidade para as várias facetas do Ser. Cresce ainda mais a admiração pela pirotécnica conceitual, que apresenta o espaço como espaço-solo', 'espaço-suporte', 'espaço-distância' e o 'espaço-signo-e-símbolo'<sup>33</sup>, envolvendo a Geografia, Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Economia e qualquer outra disciplina e subdisciplina que o nosso estudioso possa imaginar. A teoria da relatividade e o conceito do espaço-tempo do Einstein parecem como um capítulo introdutório em comparação com reflexões desta altura: "A busca do espaço, enquanto categoria do real, por meio do reconhecimento dos horizontes de suas totalidades, da verificação das relações que estas mantêm entre si, do trabalho com os pares de elementos que lhes conferem seu dinamismo, permitem-me o trato com o espaço a partir de suas conformações mais aparentes para, numa reconstrução constante, chegar à compreensão desse mesmo espaço que me envolve. O espaço movimento, assim reconstruído, corresponde a um espaço-temporalizado ao qual se opõe, também como categoria do real, o tempo espacializado; ambos como dois traços que estão aquém, constitutivos de um real que está além de um horizonte profundo, do qual me aproximo também por reconstruções sucessivas, guiado pelas contínuas correções impostas pelo próprio fazer humano no mundo"<sup>34</sup> (SAWAYA, 1986:102). Ainda bem que "o horizonte delimita o espaço como um todo" (Ibd. p. 98).

Falamos sobre um sentimento ambíguo depois de um estudo extenso da literatura sobre o 'espaço'. Pois, na medida em que os conceitos se cruzam e as perspectivas teóricas se multiplicam aparece atrás da cortina de complexidades uma coisa simples: o total. E uma pergunta surge: Será que o conceito espaço é uma *conditio sine qua non* do Ser? E será que ele invade todas as disciplinas porque ele expressa simplesmente o mínimo divisor comum de todas as interpretações do Ser? Será que o tempo tem uma qualidade conceitual idêntica como o espaço no sentido que ele também é uma *conditio sine qua non* do Ser? Respondendo essas perguntas de forma positiva resta uma observação: o conceito espaço tanto como o tempo expressa uma banalidade i.e. a banalidade do Ser.

---

<sup>33</sup> Michel Bassand (1986). Algumas observações para uma abordagem interdisciplinar do espaço. In: Alain Reynaud et al. O espaço interdisciplinar (1986) São Paulo, Nobel. 133 pp.

<sup>34</sup> Sawaya, Sylvio Barros (1986). O espaço como objeto de trabalho. In: Alain Reynaud et al. O espaço interdisciplinar (1986). São Paulo, Nobel p.87-103.

Por isso o nosso estudioso vai descobrir sempre independente do ponto de partida da sua pesquisa o óbvio: nada existe fora do espaço e do tempo. Mas, tirando o essencial do uso inflacionário do conceito espaço no discurso científico em especial da geografia, antropologia e sociologia; podemos afirmar que a descoberta do Einstein precisa ser completada: além da relatividade física o espaço possui também uma relatividade antropocêntrica.

Essa relatividade antropocêntrica inclui um número infinito de projetos e projeções humanas no espaço. A construção do espaço, tese preferida da Bertha Becker, é impossível. O que é possível é a construção humana no espaço, ela significa sempre uma determinação do sentido do espaço. Esse sentido pode se materializar ou somente existir no mundo das imaginações humanas.

O cerco da nossa pequena reflexão sobre o espaço está se fechando e me parece que a colocação do já citado Martin Heidegger soa agora diferente: "O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo na medida em que o ser-no-mundo constitutivo da presença já descobriu sempre um espaço. O espaço não se encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo 'como se estivesse num espaço. É o 'sujeito', entendido ontologicamente, a presença, que é espacial em sentido originário. Porque a presença é nesse sentido espacial, o espaço se apresenta como a priori"<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Heidegger, Martin (1989) *Ser e Tempo*. Petrópolis. p.161.